

Um jogo imprevisível

Haroldo Hoffanda

O senador Itamar Franco, candidato a vice-presidente na chapa de Collor de Mello, acha que o presidente Sarney, com a jogada de sua autoria que produziu a candidatura Sílvio Santos, está ameaçando conduzir o País para uma zona de alta turbulência política, o que põe em risco as próprias instituições democráticas. No seu entender, de uma simples questão jurídica, a candidatura Sílvio Santos pode se transformar numa grave questão política. Embora acredite na vitória de Collor de Mello, o senador de Minas adverte que o resultado final da disputa eleitoral é imprevisível. Levanta várias hipóteses, uma das quais seria a de Sílvio Santos e Collor de Mello chegarem ao segundo turno, com o que as esquerdas estariam excluídas de qualquer participação no processo. Se isso acontecer, de acordo com seu julgamento, as esquerdas não permanecerão imobilizadas, pois se sentirão traídas por um golpe de mão dado à última hora. "Essa candidatura do Sílvio Santos foi um exocet que o Sarney atirou sobre nós das esquerdas", confessava ontem à tarde, na Câmara, o ex-deputado Getúlio Dias, do PDT,

para os deputados José Genoíno, do PT, e Lélío de Souza, do PMDB. "É uma tragédia", dramatizou Genoíno.

Nenhum político, por mais tarimbado que seja, julga-se em condições de fazer uma previsão sobre o desfecho desta eleição. O deputado Amaral Netto, líder do PDS, vai além: diz que nenhum instituto de pesquisa estará apto a prever o que irá acontecer no dia 15 de novembro, pois na reta de chegada encontram-se embolados candidatos como Collor, Sílvio Santos, Brizola, Covas e Maluf.

A candidatura do empresário de televisão vai provocando efeitos arrasadores em todas as direções. No último fim de semana, um grupo de políticos do PMDB, tendo à frente o governador Geraldo Melo, do Rio Grande do Norte, chegou à conclusão de que Ulysses Guimarães não reúne mais nenhuma chance de vencer as eleições. Propunha sua substituição como candidato pelo senador Mário Covas, do PSDB. Geraldo Melo entrou em contato com vários governadores do PMDB, como Pedro Simon, Orestes Quércia, Alvaro Dias, Moreira Franco e Nilo Coelho. O governador gaúcho Pedro Simon, que

se entusiasmou de início com a salvação, esbarrou na primeira dificuldade insuperável, ao trocar idéias sobre o assunto com Quércia. "Por que não vamos para o Brizola?", propôs, maliciosamente, o governador paulista. A oposição de Quércia a Covas tem sua origem na política regional, a qual, no Rio Grande Sul, coloca em campos opostos, Simon e Brizola. O candidato do PSDB saiu do PMDB juntamente com Fernando Henrique Cardoso e Franco Montoro, em virtude das dificuldades de acomodação que tinham em seu relacionamento, dentro do partido, em São Paulo, com o governador.

Finalmente, quem acabou desfazendo a conspiração que visava a substituição de Ulysses, como candidato do PMDB, foi seu fiel amigo, o ex-ministro Renato Archer. Tendo detectado toda a articulação em curso, Archer conversou pelo telefone com a maioria dos integrantes da Executiva Nacional do partido, os quais lhe asseguraram fidelidade ao candidato. Mas fica no ar a constatação de que no PMDB ninguém acredita mais na candidatura de Ulysses, nem mesmo o governador Simon.